

# Glicínia Quartin

Entrevistada por Maria Augusta Silva

JUNHO 1990

Uma atriz fascinada por tudo o que é novo. Aos 38 anos, Glicínia Quartin trocou a Biologia pelo palco. É um nome de primeiro plano. Ganhou esse estatuto por mérito. Prova que o talento não é coisa que prolifere como os cogumelos. E tem protagonizado grandes momentos do Teatro português. Olha para as suas rugas «com alguma estranheza, pois nem sempre fizeram parte de mim». Mas: «... não fujo à realidade das minhas rugas, como nunca fugi a nenhuma outra».

Segura uma folha de hera entre as mãos. Cai-lhe, de repente, sobre um chão arrelvado e gira sobre o seu próprio corpo, à procura. Reencontra-a. Sorri, feliz. É o apego à Natureza de uma bióloga que nos anos 50 começou a fazer teatro amador e aos 38 de idade optou, sem hesitações, pelos palcos.

Glicínia Quartin, nascida em Lisboa, para os lados da Graça, em 1924. Tem um nome de flor. De uma flor lilás, em forma de cacho. E a origem do seu nome é grega. Significa doce. Uma doçura que terá, porventura, tudo a ver com uma

mulher que busca a harmonia dos sentimentos e das coisas, porque é dessa harmonia que brota a paz.

Esta conversa com Glicínia decorreu quando a atriz representava *Teatro, Doce Teatro*, na Casa da Comédia. Trata-se de um texto de Edward Radzinsky. Um texto cuja vulgaridade é, de algum modo, atenuada pelo talento de uma atriz como Glicínia Quartin, ao lado de outro senhor do teatro: João d'Ávila. Permanecem em cena durante hora e meia, sem descanso, numa interpretação que, só por si, justifica o aplauso, forte, reconhecido. Justo. Porque talento não é, de facto, produto que prolifere como os cogumelos... Muitos o reivindicam, mas são poucos os que, com inteireza, podem afirmá-lo e reafirmá-lo sempre que preciso.

Exigente perante si mesma, Glicínia não necessita de provar mais coisa alguma para ser qualificada como uma das nossas maiores atrizes. Ganhou, por mérito, esse estatuto. Do Teatro Experimental do Porto aos Bonecreiros, do Teatro Nacional D. Maria II à sala do Cornucópia, ela é uma figura principal. Com lugar, também, no cinema: inesquecível a sua interpretação em *Dom Roberto*, filme de Ernesto de Sousa, de 1962, com Raul Solnado. E sendo, ainda, uma referência como professora de arte, no Conservatório.

Mas, para além da atriz, quem é Glicínia Quartin?

«Sou uma pessoa simples, escrupulosa, pragmática, se tenho de tomar uma atitude objetiva, e, ao mesmo tempo, romântica».

Glicínia tem uma pequena casa de campo. Adora a terra. «Tenho a nostalgia de não ter nascido na província. O contacto com a Natureza equilibra-me».

Já plantou uma árvore. Uma oliveira, na Escola Oficina onde estudou. «Essa oliveira ainda deve existir. Não a tornei a ver. Como deve estar grande!»

É assim, os anos correm. Fugidios como fumo preso em mãos abertas. Enquanto as árvores crescem, as pessoas enrugam-se.

Glicínia Quartin sabe manter, porém, o que nada nem ninguém pode roubar: a juventude interior, a que pulsa no pensamento e no querer. «Não me assustam as rugas, embora as olhe com alguma estranheza, pois nem sempre fizeram parte de mim. Sinto hoje que, antes de vestir isto ou aquilo, hesito. Obrigo-me a refletir sobre se fica bem ou mal na minha idade... Mas não fujo à realidade das minhas rugas, como nunca fugi a nenhuma outra».

Tudo o que é novo, tudo o que traduza mudança, continua, no entanto, a fasciná-la. Inquieta-se com as possíveis ciladas: «Vejo renascer o racismo e a ideia de uma sociedade liberal que poderá conduzir a uma selva. Isso angustia-me».

É uma angústia que dói. «Às vezes, sou capaz de uma palavra mais violenta, mas faço-o por indignação. Acho que não devemos perder a capacidade de nos indignarmos».

Glicínia diz isto e o olhar estende-se-lhe, sereno, até à linha da harmonia da vida. Uma linha traçada na sua personalidade e que tem procurado preservar, guiando os remos contra ventos e marés. «Nem sempre é fácil, reconheço; todavia, tendo para essa harmonia. Desejo-a e procuro sedimentá-la».

## **O lugar da Biologia**

Que lugar ocupou a Biologia na vida de uma mulher que colocou a arte acima de tudo? Remontando a Biologia aos Gregos e sendo Glicínia um nome de raiz grega, não seria de esperar vê-la eternamente envolvida nos mundos de Hipócrates, de Aristóteles?

«A Biologia – e ainda me dediquei a ela muitos anos – levou-me a olhar a vida de uma forma mais compreensiva. Foi importante. Fica-se a conhecer o ciclo da vida e da morte. Mas o teatro permite-nos a investigação do ser humano através das emoções ao vivo. Entrei nesse barco e irei nele até ao fim».

Fascínio pelas luzes da ribalta?

«Não. Não é fascínio nem tem que ver com aquilo que alguns chamam de ânsia de êxito ou de notoriedade. Nunca entendi bem o que é ser, por exemplo, uma mulher de sucesso. O sucesso, em minha opinião, é um equívoco. E destruidor de valores. Arte não é isso. Tem de ser harmonia, também».

Glicínia, essa atriz que nos habituou a um trabalho rigoroso, gosta de escolher as suas personagens, mas não vive obcecada por "Ofélias" ou "Antígonas". Uma figura sem lenda pode ser, ao subir do pano, alguém em que todos nos encontramos, se a transfiguração do ator conseguir fazer passar a energia capaz de "agarrar" o público. Essa corrente, quiçá, o maior "segredo" da protagonista de *Teatro, Doce Teatro*. Um segredo que prevalece mesmo se a uma sala faltam

almas, como às vezes acontece.

## **Recuperar a palavra**

Inevitavelmente, vem à tona a chamada "crise do teatro". Todos falam dela. Todos sentenciam. Todos procuram aduzir razões e meios de... Mas a crise, essa, parece como que um padre-nosso decorado para todas as situações em que seja de bom-tom justificar pecados, os quais, por regra, são mais do vizinho.

É um facto que o público português foi perdendo o hábito de ir ao teatro. É verdade que nem sempre o teatro faz aquilo que deveria fazer, sem com isso comprometer projetos de maior qualidade. É verdade, ainda, que o preço dos bilhetes não se torna acessível a todas as bolsas (mas outros espetáculos há em que se paga mais caro, muito mais caro, e público não falta). É verdade muita coisa. E o que é mentira no meio disto tudo? É mentira que não se goste de teatro, por muito pouca que seja a nossa tradição teatral. Então, que se passa? «Falta recuperar a palavra, o gosto pela palavra. Porque o teatro é essencialmente palavra», diz-nos Glicínia Quartin, advogando que se está a fazer em Portugal «um teatro muito interessante, muito criativo». Mas... Mas assistimos ao "pico" dos vídeos, deixando-se perder a capacidade de ouvir, também a de ler. Há mais contras: «A vida de todos os dias é muito difícil. Os bairros-dormitórios estão mal servidos de transportes, as pessoas, cansadas de um dia de trabalho, vão para casa, distraem-se com a televisão e já não sentem forças para programar uma ida ao teatro. Por outro lado, esses bairros são projetados sem pensar em estruturas culturais. E fica tudo assim muito distante, muito desagregado. Desumanizam-se os espaços».

## **O sonho da escrita**

Glicínia Quartin, que foi a magistral protagonista de *Dias Felizes*, de Beckett, fala também, ainda hoje, e igualmente com especial ternura, de *As Criadas*, de Jean Genet, trabalho marcante, encenado por Vítor Garcia. A sua carreira está cheia, aliás, de boas recordações. Glicínia não é pessoa de masoquismos. Entrega-se ao verão. Ao sol. Às fontes. «Por vezes, nós é que somos ingratos para com a vida, porque esquecemos com muita facilidade os dias felizes».

Momentos pesarosos, já os viveu. «Sim, quando se perde alguém, quando se vê sofrer o nosso semelhante, é terrível».

E tal como se dá, incondicionalmente, ao palco, Glicínia dá-se à amizade. Cultiva-a com amor. É um alimento de que não prescinde. Amizade e solidariedade encontram nela um lugar seguro. Transparente. Dá e recebe: «Amizade e ternura são dois afetos que nunca me faltaram na vida».

O que lhe falta, agora, é começar a realizar um velho sonho. Escrever um livro. «Gostava de o fazer, não como livro de memórias, mas como forma, também, de comunicar, de dizer como vejo a vida, como a sinto. Acho que escrever é uma maneira curiosa de estar viva. Penetra-se no nosso mundo e no mundo dos outros. E um livro escreve-se em todos os sítios. Pode ocupar-nos sempre que o desejarmos. Estamos sempre acompanhados».

Por que espera Glicínia?

«Sei lá!... Tenho medo de não conseguir passar para o papel aquilo que gostaria. O meu pensamento e as minhas emoções são muito rápidas e receio não encontrar as palavras certas com a mesma velocidade...»

Queda-se, então, nesta espécie de preguiça, que não sabe se algum dia irá vencer. E vai lendo o que dizem os livros dos outros. Acabou de ler os *Versículos Satânicos*, de Salman Rushdie. Impressionada?

«Bom, eu não sei o que é heresia na religião muçulmana. Não sei quais são as transgressões. O livro é acutilante, isso sim. E rebelde face aos poderes político e religioso. Considero-o de uma riqueza imensa e muito atual. Creio que naquelas metáforas estamos lá todos um bocadinho».

## **A força espiritual**

Glicínia não foi educada dentro de qualquer igreja ou religião. Mas respeita todos os credos. «Eu percebo o papel que a religião desempenha na vida das pessoas. E a fé que faz acreditar num amparo. Que dá esperança. A ciência não responde a essa tremenda angústia de não se ter esperança nem amparo.»

Em que poderá transformar-se um mundo onde a robótica domine as emoções? «A força espiritual do Homem vai dominar a máquina, a não ser que sejamos totalmente suicidas», prevê Glicínia Quartin, sem dogmas nem fanatismos. A harmonia da vida exige esse equilíbrio, diz. Tudo o mais, em seu entender, são

fases mais ou menos empolgantes, mais ou menos alienatórias, que têm de ser vividas para se encontrar, depois, esse tal ponto de equilíbrio. São as ditas metamorfoses que uma bióloga entende, sem dúvida, melhor do que ninguém. Por tudo isto, Glicínia Quartin é uma mulher apegada ao futuro com otimismo. Até a falar de solidão o faz com lucidez e sem pieguice: «A solidão não me assusta, desde que seja eu a desejá-la, mas aflige-me a ideia de uma pessoa ser condenada a ela».

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

#### **ADENDA EM ABRIL 2012**

A Câmara Municipal de Lisboa homenageou Glicínia Quartin dando o seu nome a uma nova avenida situada na alta da cidade. Figura notabilíssima do teatro e da cultura em Portugal, a atriz que durante quase duas décadas foi bióloga, morreu há seis anos. Na cerimónia da inauguração estiveram presentes antigos companheiros de ofício, como João d'Ávila, que contracenava com Glicínia no tempo da entrevista aqui reproduzida. Evocaram-na também Luís Miguel Cintra e Filipe La Féria. O presidente da CML, António Costa (acompanhado da vereadora da Cultura, Catarina Vaz Pinto), justificou a homenagem com o «exemplo para todos nós do seu extraordinário sentido de independência, de inconformismo e de liberdade».